

GONÇALVES, Luiz Claudio. Gestão Ambiental em Meios de Hospedagem. Prefácio: Euler Sandeville Jr, Três palavras. São Paulo: Aleph Editores, 2004

São Paulo, 12 de janeiro de 2004

TRÊS PALAVRAS

Euler Sandeville Jr.

(<http://www.ambiente.arq.br>)

SISTEMAS DE GESTÃO AMBIENTAL. Três palavras, uma pergunta: de que se trata, enquanto investigação?

Em primeiro lugar, há nos últimos anos crescente preocupação com o estabelecimento e disseminação de sistemas de gestão associados a *certificações de qualidade*, que tenham validade e autoridade internacionais. Não se trata num prefácio de expor as origens e métodos desses sistemas, mas da oportunidade de propor questões: Que fatores levariam a um interesse crescente em se estabelecer tais sistemas no atual contexto econômico de mercados globais? Seria viável supor que sua difusão estabelece as bases de uma coordenação e formalização de exigências de mercados na escala planetária, influenciando inclusive num novo conceito de normatização na escala descentralizada em que ocorre a produção e o consumo de bens e serviços? Seria viável supor que parte de sua eficácia é o estabelecimento de limites e pré-requisitos para autorização de parceiros nesses mercados? Ou seja, criar um diferencial entre as empresas baseado em normas, investimentos, valores partilhados? A pergunta central seria então como se estão estruturando institucionalmente esses mercados globais e qual o papel das certificações, a ambiental inclusive, nessa estruturação ao um tempo normativa e flexível?

Em segundo lugar, a *gestão empresarial*. Se a meta da empresa é o lucro, devemos considerar que há algumas razões óbvias para que uma empresa se ocupe da gestão ambiental. A finalidade da adoção de tais sistemas seria obter vantagens competitivas em relação a concorrentes? Seria minimizar custos, racionalizando processos, reciclando o que possível, diminuindo desperdícios? Seria atender a exigências legais, institucionais e até culturais de inserção em mercados? Poderia haver várias razões. A questão ainda seria: que fatores

estariam levando empresas a aumentarem custos de gestão para atender exigências desse tipo, principalmente se não houver um retorno imediato, como não parece haver ainda dos clientes em nosso contexto cultural?

Em terceiro lugar, da *problemática ambiental*. Sua feição contemporânea é atribuída aos anos 70, na emblemática Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, 1972, Estocolmo. A feição da crise é anterior, ligada ao modelo de consumo, desenvolvimento urbano e econômico, exclusão social, do sistema capitalista industrial e pós-industrial. Não vem ao caso reconstituir esse processo neste prefácio. Que questões se colocam? Por que, em determinado momento, os problemas ambientais deixam de ser uma abordagem contestatória de cientistas e de representantes do movimento de contracultura e passam a ser incorporados nos discursos oficiais, e isso a partir de organismos internacionais? Como se dá a gradual adesão dos diversos grupos sociais e dos governos a esse novo modelo? Como se dá a adesão do setor produtivo tornando, não só parte do negócio, mas um novo campo de negócios o que antes era um custo considerado improdutivo e causa de conflito com os chamados movimentos ambientalistas? Que novas perspectivas culturais pode estar expressando esse controle institucional e produtivo do ambiente e da natureza expresso pelas idéias de "desenvolvimento sustentável", de biodiversidade, de patentes, transgenia etc.? O que significa a homogeneização do discurso ambiental contida em documentos internacionais produzidos desde a década de 70 e qual seu papel político e ideológico no estabelecimento de um novo estado de coisas? O que significa esse deslocamento da dimensão espacial, ética e social da questão ambiental para um patamar institucional, normativo e produtivo?

A resposta, ou antes a investigação desses problemas, não é nada simples e tem sido alvo de várias pesquisas e publicações nos últimos anos. Ao se colocar o tema da gestão ambiental nas empresas, entendo, é necessário inseri-la em um quadro crítico que permita entender sua significação atual. Uma explicação plausível para fenômenos abrangidos por tal problemática necessariamente terá que relacionar esses três níveis, e relacioná-los com um entendimento estrutural e político das sociedades contemporâneas no âmbito do qual esses fatos ocorrem. Ainda seria razoável se pudéssemos encontrar uma única explicação para esses processos em escala global. Mas aí se corre o risco de simplificar e homogeneizar de tal modo esses problemas, que quando transpostas essas pretensas explicações para circunstâncias concretas, tanto espaciais (lugares, regiões), quanto organizacionais (e que diversidade, empresas familiares, nacionais, empresas que se espraiam por todo o mundo em uma diversidade de negócios, alguns relacionados, outros não, etc.), pouco teriam a explicar.

O trabalho de Luiz Claudio Gonçalves apresenta um quadro atual dessa problemática, inserindo nela a adesão ainda inicial do setor hoteleiro nacional. Convido o leitor a inteirar-se desse quadro com estas questões em mente e com tantas outras que se desdobram daí, ou de interesses que cada um já traz. Aqueles que aceitarem este convite, perceberão que o fizeram ao se darem conta do caráter aberto de tal complexidade exposta nas três sucintas abordagens

sugeridas acima. Não que essas questões a que convido o leitor sejam flexíveis, são mutantes. Irão se transformar ao longo do texto desse livro em muitas outras, formuladas pelo processo crítico de cada leitor, talvez mais adequadas do que essas provocações de abertura do livro.

A *GESTÃO AMBIENTAL DE HOTÉIS* insere-se portanto em movimentos culturais, sociais, econômicos e políticos mais abrangentes. Uma vez colocado o tema geral ao qual remete essa investigação é que é possível pensar o caso particular da hotelaria. E específico da hotelaria nacional, impactada nos últimos anos por novas formas de gestão, de associação, de investimento, de comercialização, de competição, de segmentação. Também aqui coloco uma pergunta ao leitor: a concepção de empreendimentos que levem em conta a questão ambiental (que se coloca além da mera certificação e só será efetiva em um campo social) irá demandar novas soluções espaciais, gerenciais e até de concepção das atividades turísticas e de hospitalidade? Registro aqui meu ceticismo quanto aos aspectos qualitativos do atual processo, mas este não é ainda o tema deste livro. Nem poderia ser, é necessário que primeiro sejam implantadas soluções e sejam desenvolvidos estudos, quer sobre o aspecto ambiental e a visão cultural das paisagens que esses empreendimentos se apropriam, quer dos sistemas de controle ambiental adotados, quando adotados.

Gestão Ambiental como um todo é um tema novo, mas conta com um número crescente de abordagens devido ao mercado aberto para esses novos gestores, auditores, consultores. Porém, no ramo da hotelaria não havia ainda um trabalho específico entre nós, até mesmo porque a adesão do setor é muito recente. Ao que tudo indica, porém, terá esse tema rápido crescimento e transformação. Nesse sentido, o atual trabalho é pioneiro, um dos primeiros enfoques desse tema. Luiz Claudio partilha com este trabalho respostas que encontrou a questões que se propôs sobre um campo ainda novo e que se espera terá grande desenvolvimento.

A pesquisa que agora é disponibilizada ao público na forma de livro, foi realizada por Luiz Claudio sob minha orientação em 2001 para obtenção do título de Mestre em Turismo. Passa em revista a evolução da questão ambiental e dos sistemas de certificação de qualidade como contexto para identificar os sistemas para certificação ambiental de empreendimentos hoteleiros, tendo como horizonte sua aplicabilidade. Com base na bibliografia técnica contrapõe os conceitos e procedimentos preconizados a um caso específico, que lhe permite tanto o amplo acesso a informações, quanto se propor uma série de perguntas sobre a validade da implantação desses sistemas, das dificuldades enfrentadas, das motivações, das perspectivas de retorno e das justificativas assumidas como válidas nesse processo. Destaque-se aqui a parceria e colaboração do Hotel Escola Águas de São Pedro, do Senac, abrindo-nos seu processo e permitindo total isenção nas análises. Talvez as principais questões que o trabalho se propôs a investigar possam ser definidas como segue: Qual efetivamente a influência da adoção de um sistema de gestão ambiental na estratégia competitiva de uma empresa do setor hoteleiro paulista? Qual(is) o(s) nível(is) de exigência do(s) cliente(s) da

hotelaria nacional sobre a questão ambiental e quais tendências de mudança comportamental se podem esperar? Como isso poderia estar influenciando estratégias de gestão em perspectivas de curto e médio prazo?

Como professor e orientador da investigação de Luiz Claudio Gonçalves, não vejo só a oportunidade de apresentar os resultados de uma pesquisa concluída com mérito no tema que se propôs, mas a de desafiar o leitor a avanços que este estudo possibilita e convida. Tal a natureza da oportunidade que vi nesse prefácio. Muitas vezes as pessoas formulam perguntas fáceis, para respostas fáceis. O conhecimento e a experiência são desafios que, na maioria das vezes, dependem da capacidade de formular indagações que percebam a complexidade e o essencial dos problemas, seduzindo o investigador na busca de entendimento, na ampliação dos horizontes iniciais, na discussão de suas aplicações. Como podemos formular nossa contribuição no contexto de uma educação cada vez mais voltada para os produtos, os títulos, as respostas prontas para perguntas fáceis, a aplicação imediata (*known how*) independente de sua explicação e entendimento da natureza dos fenômenos que as produzem (*know why*, na expressão de Garret Eckbo questionando o caráter imediato e utilitário da cultura norte-americana por volta dos anos 50). Muitas vezes a maior contribuição que podemos dar é iluminar o caminho com dúvidas que estimulem à construção do próprio caminhar.

Com certeza, o tema é de uma riqueza tal que este livro irá ajudar a formar a intuição de novas e urgentes questões, a serem investigadas em futuros trabalhos. São meus votos, pois assim entendo que será mais efetiva e de maior alcance a contribuição da investigação levada a cabo por Luiz Claudio. Tenho portanto grande satisfação ao prefaciar este primeiro livro desse amigo, incansável e dedicado investigador e professor.

Euler Sandeville Jr. é Arquiteto e Urbanista formado em 1981 (FAU.PUCCamp), Arte-Educador (Belas Artes, São Paulo, 1984), com pós-graduação em Ecologia (Universidade São Judas, 1996), Mestre e Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU.USP. 1994 e 1999).

Ocupou cargos e desenvolveu serviços técnicos na administração pública municipal entre 1985 e 2002, nas áreas de cultura, patrimônio histórico e paisagem urbana. Atuou em escritório próprio como arquiteto paisagista e consultor com trabalhos premiados e no exterior. Foi docente entre 1986 e 2003 no ensino superior particular e público em cursos de Graduação e Pós-Graduação, com vários trabalhos publicados em periódicos e livros.

Atualmente é professor orientador em regime de dedicação exclusiva na Universidade de São Paulo, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, sendo coordenador do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente, editor da revista eletrônica Paisagens, representante da Universidade de São Paulo na Comissão de Proteção à Paisagem Urbana do Município de São Paulo, membro do Conselho do Departamento de Projeto e da Comissão de Extensão e Cultura da FAU.USP, editor dos sites <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa> e <http://www.ambiente.arq.br>.